

OS DIZERES CORPO: GESTO COMO PRÁTICA SIMBÓLICA¹

Dulce Beatriz Mendes Lassen².

¹ Recorte da Dissertação de Mestrado “No tecer dos fios: resistência no discurso das mulheres camponesas”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Dulce Beatriz Mendes Lassen

Professora efetiva do Magistério Estadual, Mestre em Letras (UFRGS/CAPES), dulcelassen@gmail.com

Introdução

Este texto é um recorte da dissertação de mestrado “No tecer dos Fios: resistência do discurso das mulheres camponesas”, cujo objeto de estudo é o discurso do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC. No presente trabalho, são desenvolvidas considerações sobre o funcionamento discursivo do gesto, que, no caso desta discussão, é o gesto das mulheres camponesas de posar para a fotografia. Esse ato, mediado pelo simbólico e atravessado pelo histórico, mobiliza diferentes efeitos de sentido.

Metodologia

Foi realizada revisão bibliográfica, bem como seleção do corpus, que foi constituído a partir de produções textuais e fotográficas do Movimento de Mulheres Camponesas. Do corpus foram selecionadas sequências discursivas que no presente resumo são uma fotografia e um fragmento de texto. As sequências foram extraídas do site do MMC.

Resultados e Discussão

Diante do movimento corporal-discursivo de posar para a lente de uma câmera fotográfica, inquietou-nos a questão da encenação – cena e ação.

As mulheres camponesas, em diferentes cenas, atuações e cenários, posam para a fotografia. Esse ato de posar (encenar) é compreendido, a partir de Pêcheux (1993a, p. 78), como um gesto. Para Pêcheux (idem), “existe um sistema de signos não-linguísticos tais como, no caso do discurso parlamentar, os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os ‘movimentos diversos’”, que são gestos – “atos no nível do simbólico”. Não estamos tratando do discurso parlamentar, mas essa citação pode ser deslocada para o âmbito do nosso trabalho.

No discurso do MMC, também existe uma sistema de signos não-linguísticos como a simbolização de objetos físicos como o lenço lilás, o chapéu de palha, a cor lilás, entre outros. Além desses,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

entendemos que existem “movimentos diversos”, tais como o riso, o olhar, o abraço etc. que, ao serem direcionados com o objetivo de que sejam capturados em imagem, também passam a fazer parte desse sistema de signos não-linguísticos.

Esses atos não são compreendidos de maneira empírica, mas como integrantes das práticas discursivas do MMC e, portanto, o processo de discursivização dos mesmos é mediado pelo simbólico e regulado por uma formação discursiva.

O gesto, tal como o estamos pensando discursivamente, e em função do corpus selecionado, implica ainda uma discussão sobre o corpo. Não é do corpo biológico, nem dos movimentos mecânico-corporais que estamos tratando, mas do corpo tomado pela significação, tomado pelo simbólico.

De acordo com Orlandi (2001, p. 9), “corpo e sentido se atravessam [...]. E, por ser um ser simbólico, o homem, constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história para significar, tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos”. Ainda conforme a autora, “o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes. São atravessados de discursividade [...]. Não há corpo que não seja investido de sentidos (ORLANDI, 2001, p. 10)

O corpo de que estamos tratando é, então, resultado da inscrição na história e da filiação às redes dos dizeres. Tendo isso em vista, entendemos que as fotografias devem ser concebidas como formulações que se desenham “em circunstâncias particulares de atualização, [...] por gestos de interpretação e através de discursos que lhe emprestam ‘corpo’. [...] Pela noção de gesto, temos a prática simbólica como prática do corpo e que se corporeifica no textual” (ORLANDI, 2001, p. 10)

O gesto é uma prática do corpo atravessado pelo simbólico, assim, o gesto é um dizer do corpo, que produz diferentes efeitos de sentido, dependendo das condições em que for mobilizado.

Entendidas as questões sobre gesto e corpo, faz-se necessário, para a discussão sobre os efeitos de sentido, novamente, a mobilização da categoria da memória discursiva. Já que esses efeitos formam uma cadeia significante. Indursky (2011, p. 187), ao escrever sobre uma representação imagética, produzida pela grande imprensa, de um dos líderes do MST, afirma que, na interpretação, os sentidos anteriores são fortemente mobilizados.

Em relação às fotografias das integrantes do MMC e ao modo como observamos aquilo que se materializa por meio das imagens, é necessário levar sempre em conta a necessidade da mobilização dos sentidos anteriores, já inscritos nas práticas discursivas do MMC.

Para Pêcheux (2007), a memória funciona estruturando a materialidade discursiva complexa, como é o caso da fotografia, especialmente, aquelas em que há texto verbal e imagem. A essa questão da

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

estruturação, de acordo com o próprio autor, estende-se em uma dialética da repetição e da regularização, haja vista que é a memória que vem reestabelecer os “implícitos” de que a leitura necessita, tornando-se/constituindo-se a condição do legível em relação ao próprio legível.

Ressaltamos que estamos entendendo “implícitos” como o retorno do histórico, da historicidade, na materialidade discursiva. É preciso dizer também que no discurso do MMC existem alguns deslocamentos que desestabilizam a regularidade da memória, fazendo emergir o sentido-outro.

Ao observarmos o discurso do MMC, consideramos a possibilidade sempre presente de desestruturação-estruturação das redes de memória e dos trajetos sociais. E, portanto, a questão da repetição, como elemento formador da regularização, nos ajuda a compreender as agitações nas filiações sócio-históricas e como elas podem levar ao deslocamento.

Em Pêcheux (2007 p. 53), a repetição é, antes de tudo, “um efeito material que funda comutações e variações, e assegura [...] o espaço da estabilidade”. Acrescenta o autor que a recorrência/repetição pode também caracterizar uma divisão da identidade de um item (palavra, frase etc.). “Sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva [...]. Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX 2007, p. 53).

A partir de Courtine e Marandin (1981), explicitamos que a repetição vertical é aquela do nível da memória histórica, onde os sentidos se filiam, onde existem lacunas e espaço para falhas. Entendemos que o corpus recortado para este capítulo pode ser observado a partir da repetição vertical, tendo em vista a filiação aos dizeres já-ditos e aos possíveis deslizamentos.

Conforme Indursky (2011b, p. 76), “os sentidos, à força de se repetirem, podem acabar por se modificar, de modo que as redes discursivas de formulação, formadas a partir de um regime de repetibilidade, vão recebendo novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória”.

No decorrer de nossas análises do discurso do MMC, observamos que se repetem enunciados em que há oposição aos saberes próprios ao capitalismo, ao patriarcalismo, ao agronegócio, bem como, há a afirmação dos saberes que propõem mudanças nas relações de trabalho, valorização da mulher, Projeto de Agricultura Ecológico, entre outros. A repetição tanto dos enunciados negados, quanto dos enunciados afirmados é que abre a possibilidade dos sentidos se tornarem outros. Além disso, é a condição de interpretação das imagens. Pois, conforme Indursky (2011a, p. 187), “o discurso não-verbal precisa ancorar-se em sentidos já-lá, que já tenham entrado em circulação em determinado momento”.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

Este recorte constitui-se de uma fotografia e de uma sequência linguística. Na imagem em análise, as mulheres estão grávidas, e, portanto, prestes a gerar uma vida.



foto de integrantes do MST e MMC

Duas mulheres. A primeira, da esquerda para a direita, integra o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra. Essa afirmação pode ser feita tendo em vista o boné vermelho, símbolo do MST, que a mesma veste. A segunda é integrante do Movimento de Mulheres Camponesas, pois também veste um símbolo do MMC, o lenço lilás. As duas mulheres estão abraçadas, posando para a lente do fotógrafo com sorrisos bastante contidos. Elas estão grávidas, e têm em suas barrigas escrita a seguinte formulação: “não somos cobaias”.

Em que direção vão os sentidos, a partir do gesto dessas mulheres de posarem para a foto?

O abraço pode simbolizar uma proximidade muito grande entre MST e MMC, ou seja, algumas práticas desses sujeitos se inscrevem no mesmo espaço. Isso nos leva para a segunda consideração e para a reflexão sobre a formulação “não somos cobaias”.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

O que é ser cobaia? Na ciência, pequenos roedores são usados como objetos em experimentos realizados em laboratórios. Um indivíduo humano, por opção, pode ser objeto de alguma pesquisa científica. Aceitar ser objeto de uma pesquisa significa submeter-se a experiências que poderão dar certo ou não.

A formulação está marcando que a opção é não ser cobaia, portanto, não ser objeto de uma pesquisa científica, ou de um experimento incerto. Entretanto, precisamos recorrer à memória discursiva. É ela que está sustentando a produção de sentidos a partir dessa sequência discursiva, já que, depois de respondermos à primeira pergunta, consequentemente, formulamos uma segunda: cobaia de qual experimento, e quem realiza esse experimento?

Somente pela categoria da memória conseguiremos mobilizar os enunciados, próprios às práticas desses movimentos sociais, que a leitura desse gesto necessita.

Durante o nosso texto, temos reafirmado que o discurso do MMC se opõe, especialmente, aos discursos machistas e capitalistas. No capitalismo as inovações tecnológicas e avanços científicos estão sempre a serviço do mercado, e a regra deste, como enfatizamos, é sempre o lucro. Tudo o que é produzido tem como finalidade render um excedente. Para isso, na maioria das vezes, a ciência é posta a serviço do capital, na busca por inovações que possam aumentar o excedente.

A relação entre capital, ciência e agricultura se dá, entre outras coisas, pela produção de agrotóxicos e sementes. Estamos sob uma avalanche de informações contraditórias sobre muitas das supostas inovações tecnológicas que recaem, especialmente, sobre as sementes. Organismos Geneticamente Modificados e Transgênicos estão na ponta da discussão empreendida pelos movimentos sociais. Os transgênicos são o maior alvo das críticas, pois a manipulação genética entre espécies, até hoje, não teve comprovação de sua segurança quanto aos possíveis problemas que surgiriam devido ao consumo por seres humanos.

“Não ser cobaia”, sob uma perspectiva discursiva, pode significar não aceitar que o sistema capitalista imponha à humanidade, em nome do lucro, um experimento cujos resultados poderão causar danos irreparáveis para a saúde humana. A gravidez dessas mulheres representa o futuro. Um futuro que ninguém conhece. Os filhos que são o símbolo da continuidade da vida, quando submetidos ao objetivo do capital, que manipula a vida para o seu benefício, têm, desse modo, um futuro incerto.

A sequência discursiva em questão repete as formulações do discurso do MMC, mas essa repetição não produz saturação, ela movimenta a memória, remobilizando, por meio da imagem, os saberes do capital e do social. Saberes esses que são já-ditos necessários à interpretação. Como podemos melhor compreender com a discussão da seguinte:

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

“Não basta gerar e parir nossas filhas e filhos, é preciso promover e defender a vida do planeta. Todos os dias.”

Essa sequência discursiva materializa discursos antagônicos em confronto. De um lado, está a formulação que, sob a forma da negação para que possa ser dita nesse discurso, diz respeito aos enunciados próprios ao capital, como, por exemplo: para as mulheres que vivem no campo, gerar e parir filhos seria o suficiente. Do outro lado, está uma formulação que é própria de uma formação discursiva que regula o dizer das mulheres camponesas, em que um enunciado possível é “a vida de nossos filhos depende da defesa do planeta.”

Ainda, podemos dizer que um dos efeitos de sentido possíveis para a primeira parte da sequência discursiva pode ser o seguinte: as mulheres precisam manter a saúde dos seus filhos. Esse efeito é algo próprio ao discurso delas que está ressoando. Entendemos que a vida dos filhos justificaria a luta por um planeta melhor, ultrapassando o limiar de uma briga específica.

Conclusões

Podemos observar que há repetição, que há sempre algo que se mantém. Ou melhor, há sempre algo que retorna produzindo ressignificações. É possível observar também que se mantém uma oposição a enunciados antagônicos e uma insistente reiteração da defesa da vida, mesmo que não estejam escritos ou ditos, pois a imagem textualiza significados.

Palavras-Chave: Corpo, Gesto, Simbólico, Efeitos de Sentido.

Referências Bibliográficas

- COURTINE, Jean-Jacques. MARANDIN, Jean-Marie. Quel objet pour l'analyse du discours ? In : CONEIN, Bernard [et al.]. Matérialités discursives. Lille: Presses universitaires de Lille, 1981.
- INDURSKY, Freda. A representação do MST na mídia: discurso verbal e não verbal. In: ZANDWAIS, Ana; ROMÃO, Lucília Maria Souza Romão. Leituras do político. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011a.
- _____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (orgs.). Memória e história na/da Análise do Discurso. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011b.
- ORLANDI, Eni. Interpretação: leitura, autoria e efeitos do trabalho simbólico. 5ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- _____. Discurso e Texto: formação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre [et al]. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

_____. Análise Automática do discurso (AAD-69). [1969]. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani [et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993a, p.61-162.

MMC BRASIL. Agroecologia – folder Disponível em: <http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/folder_agroecologia.pdf>. Acesso em: 19 de junho de 2011.